



CONTRADITÓRIO
think tank

Rui Faro Saraiva | Os Pasdaran: A Guarda
Revolucionária Iraniana

Working Paper 10/06 | Julho 2010



Os Pasdaran: A Guarda Revolucionária Iraniana

Rui Faro Saraiva

Working Paper 10/06
Julho 2010

Contraditório
www.contraditorio.pt

e-mail: info@contraditorio.pt

As opiniões expressas no artigo são da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não coincidem necessariamente com a posição do Contraditório.

O Contraditório é uma associação sem fins lucrativos, independente e sem qualquer vínculo político-partidário, que tem como missão divulgar boas práticas e propor soluções inovadoras. Acreditamos que a liberdade cria espaço para a criatividade, o mérito e a responsabilidade. O Contraditório assume a sua missão com coragem e confiança, sem medo e sem favor.

Os estudos do Contraditório procuram estimular o debate de ideias.

Citação: Rui Faro Saraiva, *Os Pasdaran: A Guarda Revolucionária Iraniana*, Working Paper 10/06, Julho 2010, Contraditório, www.contraditorio.pt

Copyright: Este Working Paper é disponibilizado de acordo com os termos da licença pública creative commons (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/pt/deed.pt>).



RESUMO

O derrube do regime de Xá Reza Pahlavi, através da revolução islâmica iraniana de 1979, permitiu a emergência de um regime com traços teocráticos, onde imperam os preceitos e as normas clericais do Xiismo islâmico. A República Islâmica do Irão nasceu assim com a referida revolução, através do seu pai fundador Ayatollah Khomeini, formando-se uma nova ordem interna dotada de instituições electivas e não-electivas, onde muitas vezes não se distingue a fronteira entre o secular e o religioso. Os Guardas da Revolução Iraniana (IRGC), um dos ramos das Forças Armadas Iranianas, começaram por desempenhar um papel ideológico e político evoluindo para uma dimensão que abrange toda a sociedade e vida política iraniana. Esta instituição assume-se assim como a guardiã dos valores “puros” e originais da Revolução. Grande parte dos actores políticos iranianos emergem hoje do IRGC, instituição que não deve ser encarada como estritamente militar, mas como um actor interno de grande relevância e influência no complexo regime político iraniano.

Palavras-chave: Expansão Económica, Guardas da Revolução, Irão, Militarização, Neo-conservadorismo, Politização, Popularização

Autor: Rui Faro Saraiva

e-mail: rfs@contraditorio.pt



São duas as denominações em Farsi relativas à Guarda Revolucionária Iraniana. *Pasdarán* significa literalmente “Guardas”, expressão que decorre de *Vezarat-e Sepah Pasdarán-e Enqelab-e Islamic*, o Corpo dos Guardas da Revolução Islâmica (IRGC).¹

Este ramo das forças armadas iranianas foi criado através de um decreto assinado por Ayatollah Khomeini no momento pós-revolucionário de 1978-79. O artigo 150º da Constituição da República Islâmica do Irão confirma a base legal desta instituição. Foram os próprios Guardas da Revolução a definir a interpretação da Constituição, através da sua publicação oficial, *Payam-e Enghelab*, a 19 de Março de 1981, num texto denominado de “As Obrigações dos Guardas”: “A Cooperação com o governo em matéria militar e de segurança, inclui a prossecução e prisão de movimentos armados e contra-revolucionários. (...) Desarmar pessoas não autorizadas, (...) investigação e recolha de informações. Preservação da ordem pública em manifestações e reuniões, a fim de evitar perturbações na mesma (...) e o apoio à liberdade e à justiça em busca dos movimentos dos povos oprimidos sob a supervisão do Conselho da Revolução, e com autorização do governo”.²

A 25 de Julho de 1981, no *Payam-e Enghelab*, são definidas “as duas tarefas fundamentais dos Guardas”: “Defender o princípio do governo do Jurista Supremo e o princípio da Jihad”. Portanto, conclui o artigo, “os guardas não podem ser privados de uma dimensão política ou crenças ideológicas”.³

¹ CORDESMAN, Anthony H., *Iran’s Revolutionary Guards, the Al Quds Force, and Other Intelligence and Paramilitary Forces*, Rough Working Draft, CSIS – Center for Strategic and International Studies, 2007, [http://csis.org/files/media/csis/pubs/070816_cordesman_report.pdf], Consultado em 29 de Março de 2010, p. 3

² IRGC, *Payam-e Enghelab*, Mar. 19, 1980, in ALFONEH, Ali, *What Do Structural Changes in the Revolutionary Guards Mean?*, Middle East Quarterly, Fall 2008, pp. 3-14

³ IRGC, *Payam-e Enghelab*, July 25, 1981, in ALFONEH, Ali, *What Do Structural Changes in the Revolutionary Guards Mean?*, Middle East Quarterly, Fall 2008, pp. 3-14



No dia 6 de Setembro de 1982, é passada uma lei no parlamento que confirma os estatutos dos Guardas da Revolução conforme a sua própria interpretação, diferenciando no entanto as actividades individuais das institucionais, e colocando o IRGC sobre a direcção do Líder Supremo, no sentido de concretizar a “ideologia divina” e expandir os “preceitos de Deus” através das leis da República Islâmica do Irão.⁴

Observou-se assim desde a sua criação, a contínua politização dos Guardas da Revolução. O seu papel começou por ser ideológico e político evoluindo para uma dimensão que abrange toda a sociedade e vida política iraniana. Esta instituição assume-se assim como a guardiã dos valores “puros” e originais da Revolução e grande parte dos actores políticos iranianos emergem hoje do IRGC. É o caso do actual Presidente, membros do governo, deputados, autoridades locais e regionais. Fora da esfera política, o IRGC fiscaliza a maior parte dos órgãos de comunicação social do Irão; controla os planos de formação e educação no sentido de criar lealdade ao regime nos cidadãos iranianos; e promove a sua credibilidade dentro do próprio regime *vis-à-vis* outros actores políticos e institucionais. É, porém, no âmbito económico que o IRGC conseguiu uma maior expansão e diversificação, através do controle de indústrias estratégicas e serviços comerciais, que vão desde a construção de barragens e oleodutos até à cirurgia a laser e mesmo ao contrabando e empresas que actuam no mercado negro.⁵

Sendo assim o IRGC não deve ser analisado apenas do ponto de vista militar, mas também como um actor doméstico de grande influência no regime político iraniano. Assim, quando aqui é mencionado o IRGC, referimo-nos não só à instituição do ponto de vista formal e aos militares no activo, mas também à rede de veteranos e antigos membros que informalmente dominam a vida política iraniana.

⁴ ALFONEH, Ali, *What Do Structural Changes in the Revolutionary Guards Mean?*, Middle East Quarterly, Fall 2008, pp. 3-14

⁵ WEHREY, Frederic, et al., *The Rise of the Pasdaran - Assessing the Domestic Roles of Iran's Islamic Revolutionary Guards Corps*, Santa Monica: RAND, 2009, p. xiv



É da mesma forma relevante a análise de duas forças paramilitares subsidiárias dos Guardas da Revolução, a Milícia *Basij*, ou *Niruyeh Moghavemat Basij*, *Baseej-e Mostazafan*, e os *Qods*, ou Forças de Jerusalém.⁶

No âmbito do sectarismo do espectro político iraniano, o IRGC enquadra-se politicamente nos Neo-conservadores. Esta é a facção política que mais se identifica com a crescente influência do IRGC na vida política, sendo que alguns dos seus membros conseguiram a vitória em algumas províncias iranianas em 2003 elegendo posteriormente o Presidente Mahmoud Ahmadinejad em 2005. O grupo político que encapsulava este facto denominava-se como *Abadgaran-e Iran-e Islami* (“Os Que Desenvolvem o Irão Islâmico”). Composto por membros do IRGC e da Milícia *Basij*, muitos deles marginalizados durante o período Rafsanjani.⁷

Ao nível militar, mais do que salientar os recursos ao dispor dos Guardas da Revolução, será relevante assinalar a custódia que o IRGC detém sobre potenciais armas nucleares, biológicas, radiológicas e químicas (armas QRBN). Nesse sentido, a Resolução do Conselho de Segurança 1747 de 24 de Março de 2007 refere a implicação de diversos membros do IRGC em actividades nucleares e de mísseis balísticos.⁸

No âmbito da hierarquia institucional da República Islâmica do Irão, o IRGC não responde perante o Presidente, o Governo ou o Parlamento, apenas perante o Líder Supremo. Assumiu, no entanto, uma crescente politização, fenómeno fundamental para compreender o processo de tomada de decisão formal ou informal no contexto do regime político iraniano.⁹

Quando o regime ainda lutava por uma sobrevivência pós-revolucionária, o IRGC assumiu-se como a principal instituição de supressão dos movimentos separatistas, o caso dos curdos, dos turcomenos, e a confrontação com o MEK,

⁶ CORDESMAN, op. cit., p. 8-10.

⁷ IDEM, *Ibidem*, p. 16

⁸ UNITED NATIONS, Resolution 1747 (2007), [<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N07/281/40/PDF/N0728140.pdf?OpenElement>], Consultado em 29 de Março de 2010, p. 6-7

⁹ WEHREY, op. cit., p. 19



Mujahedin-e Khalq, movimento político islâmico anti-xá, que quebrou os laços com Khomeini em 1981. Hoje, o IRGC continua a enfatizar a “Defesa Sagrada” da República Islâmica, não só contra ameaças exteriores, e.g. o Iraque, mas também ameaças internas. A Guerra Irão-Iraque foi assim percebida pelos oficiais do IRGC e outros líderes da revolução como uma oportunidade para institucionalizar o regime, realizando “purgas” para afastar potenciais opositores. Desta forma, o período pós-revolucionário e da Guerra Irão-Iraque serviu para o desenvolvimento do papel interno dos *Pasdarán*: em competição com outras instituições de segurança, sob a tensão entre a doutrina ideológica e as necessidades estratégicas, e através da consolidação do controlo interno das instituições através da mobilização para a defesa externa.¹⁰

O Major General Rahim Safavi afirmou em 2007 que o papel dos Guardas da Revolução no período pós Guerra Irão-Iraque passava por “três missões principais e duas periféricas. As missões principais passavam pela defesa, segurança e assuntos culturais; e as missões periféricas estavam relacionadas com a construção do país e levar a cabo operações de ajuda e salvamento durante catástrofes naturais”.¹¹ Esta definição do papel do IRGC não se assumiu como permanente, mas altera-se constantemente em função de novas alterações estratégicas. Por exemplo, no contexto da “Guerra Cultural” com os EUA, em que os Guardas da Revolução assumiram um papel particular em doutrinar e educar a população iraniana, Safavi referiu: “o IRGC não intervém nas actividades culturais de outras organizações ou instituições governamentais. No entanto, dada a natureza do IRGC, que está interligada com actividades militares e ideológicas, a orientação da organização passa pela promoção das forças ou ideais islâmicos; e isso faz parte dos deveres conferidos ao IRGC”.¹² Este tipo de actividades tem servido aos *Pasdarán* como um meio de promover a sua credibilidade institucional dentro do regime, alinhando assim a acção da instituição com a visão dos fundadores da República Islâmica.

¹⁰ IDEM, *Ibidem*, p. 24 e 25

¹¹ SAFAVI, Rahim, in IRNA, “Iran: Guards Commander Says Change in Guards Strategy Necessary”, FBISIAP20070817950094, August 17, 2007

¹² IDEM, *ibidem*



A popularização do IRGC surgiu com o desenvolvimento da Força de Resistência *Basij*, ou Milícia *Basij*. Outros regimes revolucionários, optaram também por criar “exércitos do povo”, com grande fervor ideológico e um largo número de militantes. Depois de ser criado por Khomeini, os *Niruyeh Moghavemat Basij*, *Baseej-e Mostazafan*, passaram a estar sob o chapéu do IRGC, desde 1 de Janeiro de 1981. Os *Basij* assumiram-se rapidamente como uma força de reserva popular de 90000 homens, com uma capacidade de mobilização de 1000000 de homens. Os seus militantes são jovens, militares que acabaram a recrutar e cidadãos mais velhos. Os *Basij* começaram por enfatizar o controlo das manifestações e missões de segurança interna. O seu sistema de comando é semelhante ao sistema militar formal e foram criados batalhões especiais para missões de segurança interna, os *Ashura*.¹³

Numa reunião com membros *Basij*, o comandante Hussein Hamadani, enumerou os serviços prestados à revolução pela milícia: “Os *Basij* mantiveram a segurança na ausência de uma força policial efectiva; efectuou purgas de elementos anti-revolucionários e apoiantes do antigo regime nas instituições governamentais; criou uma rede de recolha de informação na oposição (chamada a ‘rede de informação dos 36 milhões [de membros]’); reprimiu uma insurreição comunista em Amol, cidade do Norte do Cáspio e protegeu os oleodutos de actividades terroristas no Sul; a insurreição do Curdistão, na cidade de Paveh, foi também reprimida pelas forças *Basij*; em Julho de 1980, no âmbito do golpe de Nojeh levado a cabo por antigos membros das forças do Xá, um militante *Basij* estava inserido no grupo dos conspiradores e informou o regime revolucionário das actividades dos contra-revolucionários; (...) quando permitiram aos *Basij* a sua intervenção na Guerra Irão-Iraque, o Irão deixou de ter uma posição defensiva e assumiu uma posição ofensiva”.¹⁴

As circunstâncias relacionadas com a Guerra Irão-Iraque e a agitação política pós-revolucionária permitiram uma rápida ascensão da influência e

¹³ CORDESMAN, *op. cit.*, p. 10

¹⁴ HAMADANI, Hussein, in WEHREY, *op. cit.*, p. 26



importância dos *Basij* dentro do regime. Hoje os *Basij* estão presentes em todos os sectores da sociedade iraniana, especialmente entre os estudantes universitários, tribos locais, operários fabris, entre outros. Existe uma forte componente ideológica nesta omnipresença. Um comandante do IRGC referiu em 2001: “Na próxima década, o nosso problema vai ser o ataque cultural e os *Basij* terão de bloquear o seu progresso... em vez de criarmos bases militares, a nossa política hoje passa por criar sociedades culturais”.¹⁵

No entanto, apesar da formação oferecida pelos *Basij* aos jovens universitários, tudo indica que os seus militantes são recrutados entre os jovens mais pobres e os pensionistas mais velhos. A sua militância indica carências económicas, como referiu um jovem universitário: “A única razão que me prende aos *Basij* é o dinheiro, (...) muitos dos meus amigos *Basij* estão descontentes com o governo”.¹⁶

Na actualidade, parece existir uma lacuna na percepção rural e urbana desta instituição subsidiária do IRGC. Na província, os *Basij* têm uma imagem positiva, relacionada com a ajuda ao desenvolvimento e durante catástrofes naturais. Nas zonas urbanas, a percepção da população é negativa, associando os *Basij* à repressão das actividades da sociedade civil, prisão de dissidentes e confrontação com os estudantes reformistas nos *campus* universitários.¹⁷

Os *Basij* e o IRGC estão também muitas vezes associados a grupos de pressão ou de vigilância, e.g. o mais conhecido, *Ansar-e Hezbollah*. Embora formalmente não seja uma organização subsidiária do IRGC, é composto por veteranos *Basij* e dos *Pasdaran*, influenciando assim a percepção da população sobre a sua legitimidade política e social.¹⁸

¹⁵ MOHAMMADI, Commander, Radio Free Europe/Radio Liberty, *RFE/RL Iran Report*, Vol. 4, No. 6, February 12, 2001, [<http://www.rferl.org/content/article/1342817.html>], Consultado em 29 de Março 2009

¹⁶ INTERNATIONAL CRISIS GROUP, “What Does Ahmadi-Nejad’s Victory Mean?” Middle East Briefing, No. 18, Tehran and Brussels, August 2005, p. 6.

¹⁷ WEHREY, op. cit., p. 29

¹⁸ IDEM, *Ibidem*, pp. 29-30



Em 2007 ficou consumada a fusão das estruturas de comando do IRGC e dos *Basij*. A principal atenção do IRGC a partir daquele momento seria o combate dos inimigos internos, assim afirmou o comandante do IRGC, Mohammad Ali Jafari: “As novas linhas de orientação estratégicas do IRGC foram mudadas pelas directivas do Líder da Revolução (Ali Khamanei). A missão fundamental do IRGC a partir de agora é lidar com as ameaças que provêm dos inimigos internos. A prioridade número dois do IRGC é ajudar os militares em caso de ameaças exteriores”.¹⁹

Ainda no âmbito da Segurança e Defesa, será relevante salientar ao nível externo a existência de uma organização paramilitar subsidiária, “As forças de Jerusalém”, ou *Al Qods*, uma organização que é utilizada hoje para apoiar “clandestinamente” actores não-estaduais, no Médio Oriente. É o caso do *Hezbollah* no Líbano, do *Hamas* e da Jihad Palestina Islâmica em Gaza, das milícias xiitas no Iraque, os xiitas no Afeganistão, e tendo também algumas ligações aos grupos extremistas sunitas como a Al-Qaeda.²⁰

Internamente, é relevante salientar ainda o papel do IRGC ao nível da *Intelligence*, hoje em cooperação com as “Forças de Aplicação da Lei” e o Ministério da *Intelligence* e Segurança, ou VEVAK. No período inicial da revolução esta função pertencia apenas ao IRGC. Hoje, a cooperação com as outras instituições neste domínio é feita de forma descoordenada e assumindo por vezes uma aberta rivalidade. A divisão de informação e segurança do IRGC, *Sazman-e Harassat*, funciona ainda em pleno, recolhendo informações sobre a oposição e separatistas, prendendo alguns activistas em prisões controladas apenas pelo IRGC, e.g. Evin.²¹

A militarização da sociedade civil pelo IRGC acontece através da doutrinação e formação de diversos sectores da população, assim como do controlo dos *Media*. São vários os jornais e publicações mensais administrados pelos *Pasdaran*. Assim é cultivada a lealdade ao regime e promovida a própria

¹⁹ JAFFARI, Mohammed Ali, in WEHREY, op. cit., p. 33

²⁰ CORDESMAN, op. cit., p. 8

²¹ WEHREY, op. cit., p. 31



instituição dos Guardas da Revolução. A formação dada aos estudantes universitários *Basij* ou a formação de outras forças paramilitares faz também parte do activismo ideológico do IRGC. O “*Bureau Político*” existe dentro da estrutura do IRGC desde a sua criação, publicava panfletos ideológicos secretos de circulação interna, e desde o convite feito a dois professores da Universidade de Teerão, Ahmad Fardid e Reza Devari-Ardakani, são ensinadas no *bureau* lições verdadeiramente nacionalistas, anti-ocidente, anti-humanistas e anti-tecnologia. Paralelamente ao “*Bureau Político*”, o Gabinete do Representante do Líder Supremo no IRGC funciona também como um canal de doutrinação e é agora responsável pelo sítio e publicação mensal, *Sobhe-e Sadegh*. Deste núcleo institucional desenvolveu-se uma rede actividades culturais, de institutos e *think tanks*, no sentido de ampliar o activismo ideológico dos *Pasdarán*.²²

Os Guardas da Revolução e os *Basij* tornaram-se também crescentemente presentes no sistema de educação iraniano, tanto ao nível do ensino secundário, como no ensino superior, nas universidades. Hojjat ol Eslam Mohammadian, membro do Conselho Supremo para a Revolução Cultural, refere a este propósito: “Agora temos 11000 conferencistas *Basij* nas universidades do país (...) Há cerca de 20 anos atrás, existiam apenas uma mão cheia de oradores religiosos nas universidades do país. Porém, hoje, a presença de um grande número desses oradores é um sucesso para a nossa Revolução Islâmica”.²³ Para consolidar o papel dos *Basij* no meio académico foram criadas a LBO e SOB, *Lecturer’s Basij Organization* e a *Student Basij Organization*. As duas organizações servem também como uma ponte entre o IRGC e o meio académico.

Ainda no âmbito do activismo ideológico, o IRGC criou um vasto aparato mediático que permite não só a propagação da ideologia da República Islâmica, mas também a própria promoção institucional do IRGC. O controlo de jornais e publicações por membros de IRGC tornou-se uma constante, caso do jornal *Keyhan*; a *Sharif News Web*, uma publicação online; a IRIB, a televisão do

²² IDEM, *Ibidem*, pp. 35-38

²³ MOHAMMADIAN, H. E., in WEHREY, op. cit., p. 39



Estado; *Farhang-e Isaar*, um *website* que promove o martírio e a auto-flagelação, e ainda a Agência de Notícias *Basij*, entre outros. Quando não é possível o controlo directo ou a cooperação dos *Media*, o IRGC opta pela censura, especialmente no caso da internet. A formação, a doutrinação e controlo dos *Media*, formam um importante pilar da ponte entre os *Pasdarán* e a população iraniana.²⁴

Recentemente assistiu-se também à expansão económica dos Guardas da Revolução. Os sectores são variados, desde a saúde (cirurgia a laser ao olho), à construção, fabrico de automóveis, imobiliário, entre outros. O IRGC expandiu-se a todos os sectores do mercado iraniano, revelando assim a natureza multidimensional desta instituição dentro do regime.²⁵

Foi durante a Presidência Rafsanjani, nos anos 1990, quando surgiu a ideia de envolver instituições governamentais em trocas comerciais de forma a obter rendimentos independentes, que o IRGC adquiriu também a mentalidade da obtenção do lucro através da sua expansão económica. Este facto tornou-se mais acentuado durante a presidência Ahmadinejad, onde diversos contratos lucrativos sem concurso, foram atribuídos aos *Pasdarán*, especialmente no sector da extracção de gás natural e petróleo, construção de oleodutos e o desenvolvimento de infra-estruturas de grande escala.²⁶

A expansão económica do IRGC está essencialmente relacionada com a construção de uma rede social informal desenvolvida entre os veteranos e antigos oficiais dos *Pasdarán*. É assim muitas vezes originada uma economia paralela semelhante a uma rede de clientelismo, promovida muitas vezes pelas *bonyads*, fundações revolucionárias para-estatais, que constituem vastas reservas de riqueza controlada por religiosos. As *bonyads* têm uma influência profunda na economia iraniana, são beneficiárias de milhões de dólares, a maior parte proveniente da

²⁴ WEHREY, op. cit., pp. 52-54

²⁵ IDEM, *Ibidem*, p. 55

²⁶ IDEM, *Ibidem*, p. 56



família real e outras elites que partiram para o exílio.²⁷ De facto, como afirma Mehdi Khalaji, académico iraniano, as empresas afiliadas ao IRGC são “*bonyads* militarizadas”.²⁸

As actividades industriais do IRGC iniciaram-se pouco depois da Guerra Irão-Iraque. Os Pasdaran assumiram o controlo de diversas fábricas confiscadas e estabeleceram duas sedes, a *moavenat khodkafae* (sede da auto-suficiência) e a *moavenat bassazi* (sede da reconstrução) que iriam criar diversas empresas na área agrícola, industrial, mineira, construção de estradas, sectores importador e exportador. Nos anos 90, as referidas sedes transformaram-se no *gharargah sazandegi khatam alanbia*, na sua forma abreviada *Ghorb*, geralmente conhecido como *Khatam Al-anbia*. Daqui seriam criadas numerosas empresas nos já referidos sectores, e também na área da educação e da cultura.²⁹ Paralelamente às actividades no sector da construção, presume-se que o IRGC (pela dimensão da rede de influências criada dentro do regime) participa em actividade ilícitas e no mercado negro iraniano relacionado com o tabaco, álcool ou narcóticos.³⁰

Analisada a influência política, económica e social dos Guardas da Revolução, será relevante salientar a instituição não como estritamente militar, mas como um actor interno de grande relevância e influência no regime iraniano. A evolução do papel dos *Pasdaran* no regime depende não só do desenvolvimento do papel do Líder Supremo e do sucessor de Ayatollah Ali Khamanei, mas também da manutenção da rede de influências políticas, económicas e sociais desenvolvidas pela instituição.

Desde o início da revolução assistiu-se a uma crescente politização, popularização e expansão económica dos *Pasdaran*, assumindo-se como uma instituição multidimensional, cultivando por vezes a legitimidade ou o ressentimento perante diversos segmentos da população. Como afirmou Mehdi

²⁷ MALONEY, SUZANNE, in ALIZADEH, Pavin, *The Economy of Iran – The Dilemmas of an Islamic State*, London: I.B. Tauris, 2000, p. 148

²⁸ KHALAJI, Mehdi, *Iran’s Revolutionary Guard Corps, Inc.*, Washington Institute for Near East Policy, *PolicyWatch*, No. 1273, August 17, 2007.

²⁹ WEHREY, op. cit., pp. 59-60

³⁰ IDEM, *Ibidem*, p. 64



Khalaji, “os Guardas da Revolução são a espinha dorsal da actual estrutura política [do Irão] e um actor fundamental na economia iraniana”.³¹ O carácter desta instituição sela o “excepcionalismo” e a singularidade do regime político iraniano.

³¹ KHALAJI, Mehdi, in GREG, Bruno, *Iran's Revolutionary Guards*, Council on Foreign Relations [http://www.cfr.org/publication/14324/irans_revolutionary_guards.html], consultado em 29 de Março de 2010